

## PATRIMÔNIO INVESTIDO NA PRODUÇÃO DE ARROZ NO RS NÃO É REMUNERADO AO LONGO DE 10 SAFRAS

A renegociação de dívidas tem sido pauta da orizicultura do Rio Grande do Sul, principalmente devido à frustração das duas últimas safras que não pagaram nem o desembolso das lavouras. Contudo, os dados de 10 anos de painéis do projeto Campo Futuro da CNA, que representam o modelo de propriedade de arroz na região Uruguaiana (RS), demonstram que a situação pode ser muito pior, tendo em vista que o produtor carrega dívidas sobre o patrimônio investido e pode ter, por sua vez, comprometido a sustentabilidade do seu negócio.

Considerando-se as safras de 2009/10 a 2018/19, o produtor de arroz de Uruguaiana só não pagou o Custo Operacional Efetivo (COE) nas duas últimas. O alento vem do fato de que os ganhos de temporadas anteriores ainda compensaram as perdas recentes. Nessas 10 temporadas, a Margem Bruta (MB) de produtores que cultivaram o arroz em áreas próprias foi positiva, tendo MB de R\$ 683,91/ha em média, por temporada, em termos reais (os valores foram deflacionados pelo IGP-DI).

Ao adicionar o custo de depreciação das máquinas, de implementos e de benfeitorias, o orizicultor gaúcho acumulou Margem Líquida (ML) negativa ao longo das 10 safras. A ML foi positiva apenas nas temporadas 2009/10, 2013/14 e 2016/17. No período analisado, a produção de arroz acumulou, em termos reais, uma ML negativa de R\$ 946,55/ha, ou seja, o produtor não conseguiu compensar a perda

de valor do seu patrimônio imobilizado que foi investido para produzir o arroz.

Sobre o Custo Total (CT), que adiciona os custos de oportunidade, o orizicultor teve prejuízo de R\$ 7.667,35 em cada hectare produzido nas 10 safras – neste caso, não foi computado o custo de oportunidade da terra.

Na prática, os cálculos mostram que a produção de arroz em Uruguaiana nas 10 últimas safras não foi sustentável economicamente para remunerar os investimentos em infraestrutura, e permitir que o produtor renovasse seu parque de máquinas e benfeitorias com capital próprio.

Nessa situação, uma das saídas para a reestruturação ou investimento de orizicultores está no financiamento, que, por sua vez, não apresenta juros atrativos na atual conjuntura econômica. Outra opção (ou necessidade) é manter a infraestrutura como está, às vezes com tecnologias menos eficientes frente a atuais e/ou que exijam onerosos serviços de manutenções.

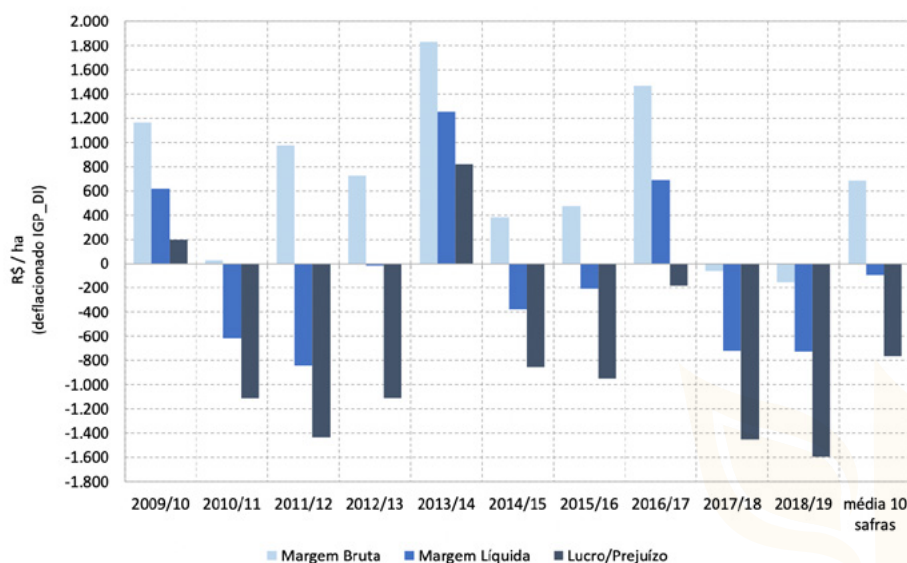
Cabe lembrar que as áreas arrendadas têm grande participação na produção de arroz em Uruguaiana, causando maior desembolso que o demonstrado nos cálculos anteriores. Ponderando essas áreas de arrendamento, sobre o COE, o produtor ainda teve ML positiva de R\$ 320,46/ha por safra, em média. Já sobre o CT, o orizicultor acu-

mulou prejuízo de R\$ 1.130,19/ha por safra, ou R\$ 11.301,88/ha no acumulado das 10 temporadas – os efeitos da inflação foram considerados para todos os cálculos.

Os efeitos do endividamento na orizicultura também repercutiram sobre a capacidade de mobilização de recursos desse produtor. Nos painéis do Campo Futuro acompanhados pelo Cepea, observou-se crescente necessidade de terceiros no financiamento, além de juros mais elevados. Até a safra 2014/15, o produtor financiava 70% do custo de arroz com capital próprio e juros controlados que não ultrapassavam 9% a.a.. Na safra 2015/16 em diante, o

orizicultor começou a depender mais de outras fontes de crédito e com taxas mais elevadas, sendo que nas duas últimas temporadas, especificamente, essas fontes somavam mais de 70% do recurso captado e juros superiores a 20% a.a.

SAFRA 2019/20 – Em meio aos debates de endividamento da orizicultura gaúcha, espera-se para a temporada 2019/20 um desembolso de R\$ 6.625,61/ha, consolidando aumento médio de 6,4% (nominal) em relação à safra anterior. No comparativo, herbicidas, sementes e mão de obra foram os insumos que impulsionaram o encarecimento da produção de arroz.



**Gráfico 1.** Evolução das margens de lucro e lucro/prejuízo do arroz em Uruguaiana (RS), entre as safras 2009/10 e 2018/19.

**Fonte:** Projeto Campo Futuro CNA. | **Elaboração:** Cepea-Esalq/USP/CNA.